

UMA BREVE ANÁLISE DO DESEMPENHO ESCOLAR NUMA TURMA DO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO¹

NILÇA GUTEMBERG²

Resumo

Este artigo apresenta uma breve análise do desempenho escolar, numa turma do ciclo de alfabetização proposto pela Secretaria de Educação, Ciência e Tecnologia de Anápolis. O principal objetivo é analisar qualitativa e quantitativamente o desempenho dessa turma em dois anos. Para isso, se faz necessário uma coleta de dados da produção escrita dessa turma nesse espaço de tempo e um estudo teórico baseado em algumas das ideias de Ana Teberosky, Emília Ferreiro, Isabel Solé, Vygotsky e Cagliari.

Palavras-chave: rendimento escolar; sistema alfabético de escrita; criança.

Abstract

This article presents a brief analysis of school performance in a literacy class cycle proposed by the Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia de Anápolis (SEMECT). The main goal is to analyze qualitatively and quantitatively the academic performance of this group in two years. For this, it is necessary collecting data on written production of this class in this space of time and a theoretical study based on the ideas of authors such as Ana Teberosky, Emilia Ferreiro, Isabel Solé, and Vygotsky Cagliari.

Keywords: academic performance; alphabetic writing system; child.

¹ Texto apresentado como trabalho de conclusão do módulo IV do Curso Práticas de Letramento e Processos de Alfabetização, oferecido pelo Centro de Formação Continuada dos Profissionais de Educação e ministrado pela Professora Kátia Cilene Camargo Silva, mestre em Gestão do Patrimônio Cultural pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-GO).

² Professora da Rede Municipal de Anápolis e cursista do Práticas de Letramento e Processos de Alfabetização do Centro de Formação Continuada dos Profissionais em Educação de Anápolis (CEFOPE) e graduada em Letras: Português/Inglês pela Universidade Estadual de Goiás (UEG).

1. Introdução

Sabe-se que o ciclo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental é um período sequencial de três anos no qual se pensa ser eficaz para que a criança apreenda o sistema alfabético de escrita. Entretanto, observa-se que nas escolas da rede Municipal de Anápolis, no Estado de Goiás, há a tentativa de se implantar o ciclo, só que em dois anos. E isso se faz do seguinte modo: a professora que assume a turma do 1º ano, acompanha os mesmos até o 2º ano.

Então, o presente estudo objetiva-se a analisar qualitativa e quantitativamente o rendimento escolar de uma turma de alfabetização no período de dois anos, acompanhada pela mesma professora.

E, paralelamente à essa análise será feito um breve estudo teórico respaldando-se nas ideias de autores como: Ana Teberosky, Emília Ferreiro, Isabel Solé, Vygotsky e Cagliari, dentre outros.

E para que a análise dessa turma seja feita com maior consistência, algumas questões devem ser levadas em consideração, tais como: Quais os avanços e fracassos dessa turma nesse período? O ciclo de alfabetização organizado em dois anos é suficiente para que a criança se aproprie do sistema alfabético de escrita? As condições sócio-econômicas influenciam no processo de alfabetização?

Na tentativa de se fazer essa breve análise do rendimento escolar nesse ciclo de alfabetização e responder a essas e outras questões é que esse estudo é proposto.

2. Pressuposto Teórico

2.1 Refletindo sobre o processo de aquisição da linguagem

Ao considerar que a criança no primeiro dia de aula já traz consigo sua visão de mundo e de certa forma, um contato prévio com a escrita acredita-se então, que ela já deu início ao que antecede o sistema alfabético de escrita. Entretanto, o nível desse contato com a escrita e suas experiências de mundo varia de acordo com o meio sócio-econômico em que está inserida. Assim, dificilmente uma criança chegará a escola sem nunca ter manuseado um lápis, um texto escrito, ou mesmo ter visto alguém escrevendo uma lista de compra, olhando o calendário, etc. E esse contato espontâneo influencia o processo de alfabetização.

Vygotsky (*apud* Silva, 1994, p. 18) considera essas primeiras manifestações gráficas como precursoras da escrita. Para esse teórico, tanto esse contato informal e espontâneo, quanto brincadeiras e desenhos devem ser vistos como momentos que antecedem a escrita. Dessa maneira, acredita-se que todas as crianças que vivam num ambiente em que a escrita seja usada significativamente e que desde cedo ela seja encorajada a usá-la, serão capazes de propor sua própria ortografia para aquilo que se pretende escrever. Então, quase sempre elas tendem a representar os sons da fala, pois ainda não tem o conhecimento das convenções ortográficas peculiares à língua em processo de aquisição.

Por isso, verifica-se a necessidade de práticas de escritas espontâneas em que a criança se sinta “à vontade” diante do ato de escrever e não seja “barrado” frente às convenções ortográficas. A esse respeito, Cagliari diz que:

a escrita é uma atividade nova para a criança, e por isso mesmo requer um tratamento especial na alfabetização. Espera-se que a criança no final de um ano de alfabetização, saiba escrever e não que saiba escrever tudo e com correção absoluta. (CAGLIARI, 2001, p. 96)

Já Solé apoia-se na definição de Garton e Pratt (1991) como a mais cabível do que seria alfabetização. Para esses autores, uma pessoa para ser considerada alfabetizada, deve ter a capacidade de falar, ler e escrever com outra pessoa e a consecução da alfabetização implica aprender a falar, ler e escrever de forma competente.

Como se pode observar, os autores mencionados acima definem o termo *alfabetização* como um processo ainda mais complexo do que é proposto por Cagliari (2001).

Como se pode observar o processo de aquisição da linguagem escrita é um processo complexo que vai muito além da aprendizagem da leitura e escrita, ou seja, da decodificação e da codificação.

Para Solé (1998), o domínio da leitura e da escrita pressupõe o aumento do domínio da linguagem oral, da consciência metalinguística, isto é, a capacidade de manipular e refletir intencionalmente sobre a linguagem.

E ao considerar essa complexidade do processo de aquisição da leitura e da escrita, ainda não houve a abordagem do termo letramento, por considerar que esse não constitui o foco desse estudo.

Retornando ao ciclo de alfabetização, seria possível mensurar o tempo necessário para que uma criança apreenda o sistema alfabético de escrita? Para refletir sobre a complexidade dessa questão, propõe-se a ideia defendida por Ferreiro (1993). Para ela, é possível conseguir uma alfabetização satisfatória com crianças marginalizadas socialmente, em apenas dois anos de escolaridade, contanto que elas compreendam o modo de representação da linguagem que corresponde ao sistema alfabético de escrita; entendam a função social da escrita; leiam compreensivamente, ainda que não de modo convencionalmente correto, diferentes modalidades textuais e tenham atitudes de curiosidade e falta de medo diante da língua.

Como se pode observar, Ferreiro (1993) difere de Cagliari (2001) no que se refere ao período de tempo necessário para a aquisição do processo leitura/escrita. Enquanto, a primeira pesquisadora vê a necessidade de dois anos, o último entende que apenas um é suficiente para que se aprenda a escrever.

Entretanto, sabe-se que muitos outros fatores podem ter influência nesse processo. E, se a criança não tiver um contato fora do contexto escolar com materiais escritos e, se dentro da escola não for exposta a um contato significativo com a língua, o processo pode ser dificultado.

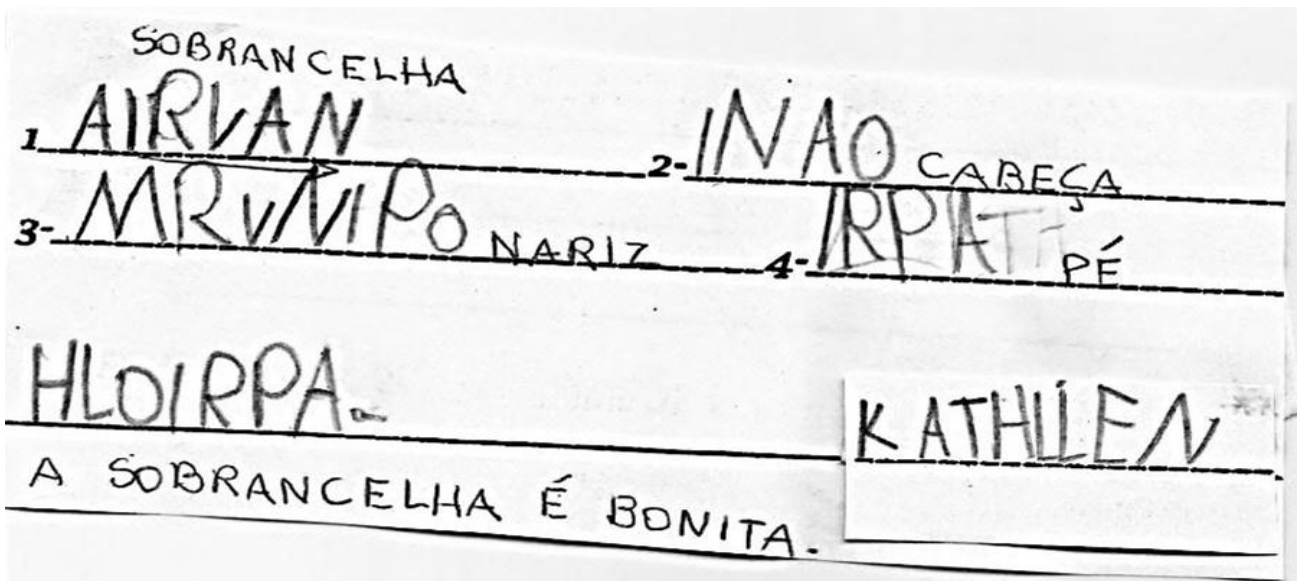
2.2 Descrição das hipóteses de escrita

Ferreiro (*apud* BIZZOTO, AROEIRA e PORTO, 2009, p. 24) explica que a evolução da escrita passa por algumas etapas nas quais a criança repete, em sua história particular, a história da escrita. Porém, tal evolução não ocorre da mesma forma para todas as crianças, pois cada uma tem seu ritmo próprio.

A seguir será feita uma descrição das etapas de construção da escrita com suas características básicas, apoiando-se nos estudos Ferreiro e Teberosky (1999).

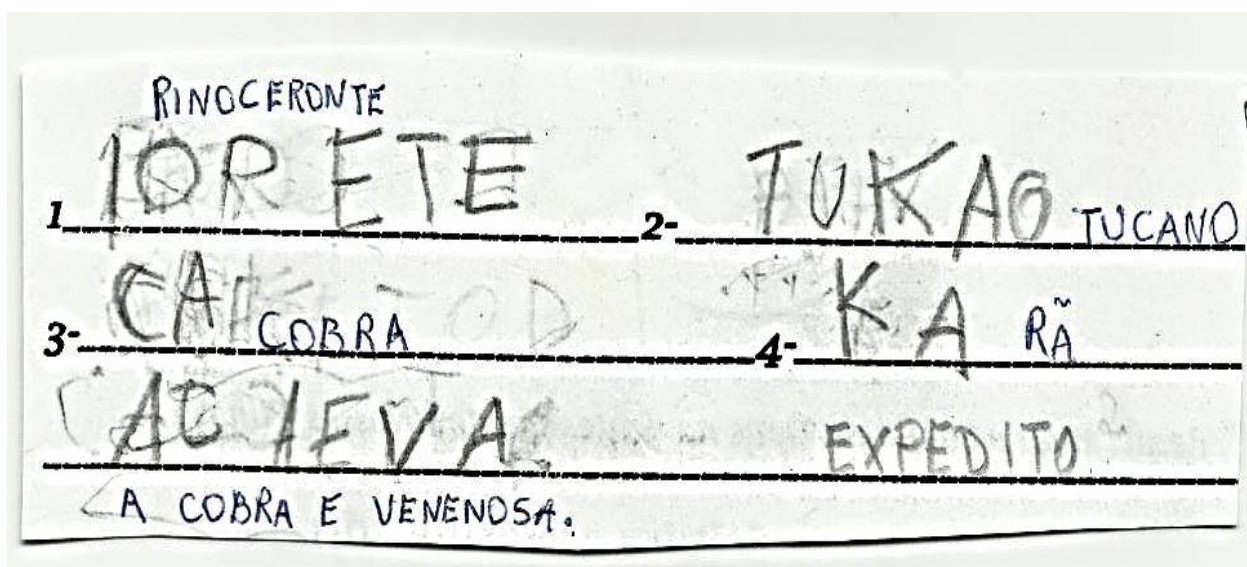
- **Nível pré-silábico:** nessa fase além do desenho, a criança tenta representar a escrita com marcas, como garatujas, números e até mesmo letra.

Figura 1.³



- Nível silábico: já nessa fase a criança começa a perceber que os elementos da escrita podem representar os sons da fala. E daí, formula a hipótese de que cada letra representa uma sílaba.

Figura 2.⁴

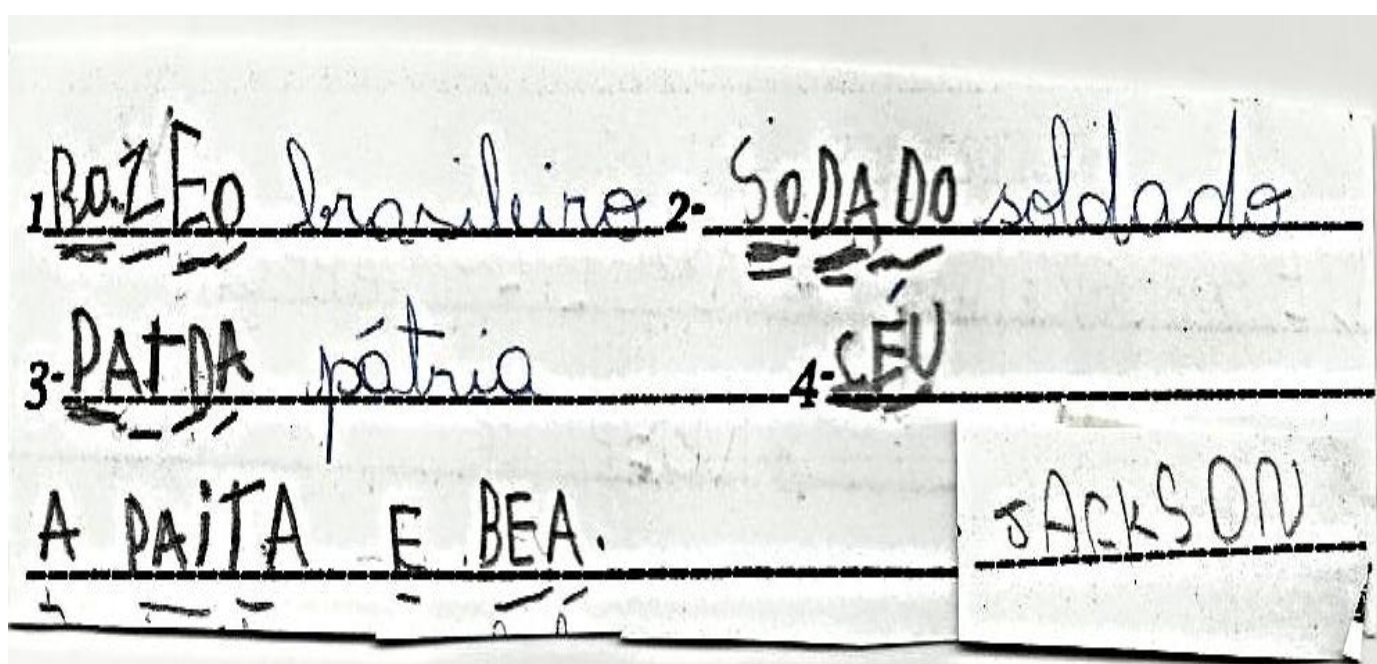


³ Figura 1 – Escrita da Aluna Kathllen (6anos)

⁴ Figura 2 – Escrita do aluno Expedito (6anos)

- Nível silábico – alfabético: nesse momento da evolução da escrita, a criança percebe que a sílaba não é a menor unidade da palavra e que uma letra sozinha não serve para representar uma sílaba e passa a acrescentar mais letras aleatoriamente.

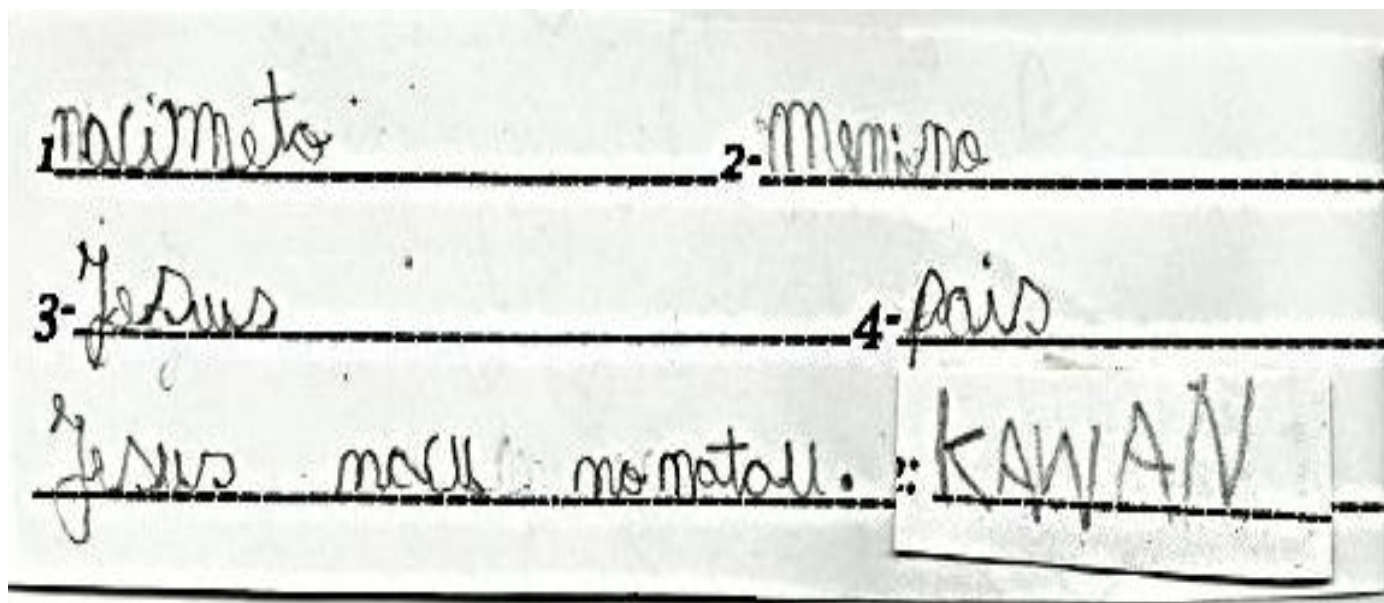
Figura 3.⁵



- Nível – alfabético: nessa hipótese de escrita, a criança busca representar cada fonema com uma letra, mas não significa que já escreve de acordo com as convenções ortográficas.

⁵ Figura 3 – Escrita do aluno Jackson (6anos)

Figura 4.⁶



3. Metodologia

Na presente pesquisa foram feitos dois estudos: um bibliográfico e outro empírico.

Ao que se refere o estudo bibliográfico fora feita uma abordagem sumária das principais ideias que norteiam a construção da escrita pela criança.

E em relação ao estudo empírico, fora feito um acompanhamento de uma turma de alfabetizando da Escola Municipal Realino José de Oliveira da Rede Municipal de Ensino da cidade de Anápolis-GO. Esse acompanhamento durou um período de quase dois anos, ou seja, teve início em janeiro de 2011 e se estendeu até setembro de 2012, data em que foram coletados os últimos dados.

É válido ressaltar que essa turma fora acompanhada por uma única professora, dentro da proposta de “ciclo” do referido município que é de dois anos. Quanto ao, *corpus*, de dados em análise, este é referente ao diagnóstico das hipóteses de escrita.

⁶ Figura 4 – Escrita do aluno Kawan (6anos)

A escola é situada na zona periférica da cidade e tem como clientela do “ciclo de alfabetização”, crianças na faixa etária entre seis a dez anos. A maioria desses alunos chega à escola com um baixo nível de contato com a língua na modalidade escrita, pois é oriunda de família de baixa condição sócio-econômica e baixo índice de escolaridade.

4. Interpretação e análise de dados

A coleta de dados que se segue, fora feita em um período de quase dois anos ,isto é, teve início em janeiro de 2011 e terminou em setembro de 2012, como já fora mencionado antes.

No que se refere ao 1º ano, início do ciclo de alfabetização, a turma iniciou com 23 alunos. Logo no início do ano letivo, quatro foram transferidos para uma outra unidade escolar, em seguida, matricularam-se outros três alunos. Assim, no diagnóstico inicial das hipóteses fora constatado que do corpo discente em análise, 15 escreviam no nível pré-silábico, sendo que 2 se encontravam no nível pré-silábico I e 13, no nível pré-silábico II; 6, se encontravam no nível silábico, sendo que 3 estavam na hipótese silábica sem valor sonoro e 3, na silábica com valor sonoro. E apenas 1, já se encontrava no nível alfabético.

Ao longo do ano letivo, procurou-se trabalhar a leitura e a escrita num contexto significativo para a criança através de diversos gêneros textuais, tais como: crachás (com nomes das crianças),calendário, poemas, cantigas, trava-línguas, contos, quadrinhas, parlendas, receitas e outros. E ao terminar o ano letivo de 2011, a turma estava com um aluno pré-silábico II (com laudo médico), três no nível silábico (um com o nível silábico sem valor sonoro e dois com o nível silábico com valor sonoro), quatro com a hipótese de escrita silábica-alfabética e 14 alunos com o nível alfabético.

É no ano seguinte, isto é, em 2012, o ciclo de alfabetização proposto pela Secretaria Municipal de Educação, Ciências e Tecnologia de Anápolis-Goiás, teve continuidade com a mesma professora.

No segundo ano do ciclo, e também o 2º ano de alfabetização, a professora deu continuidade ao seu trabalho com a mesma turma. Entretanto, quatro alunos transferiram-se, três novatos matricularam-se e, quatro que eram repetentes de um outro 2º ano, também integraram a turma. Assim, a turma ficou com 25 alunos até a presente data.

È válido lembrar que os últimos dados foram coletados em setembro de 2012 e com o seguinte resultado: 19 alunos com a hipótese de escrita alfabética, 02 no nível silábicos-alfabéticos e 03 alunos silábicos com valor sonoro e um sílabico sem valor sonoro.

Também é pertinente ao assunto, mencionar o desempenho dessa turma na primeira etapa da Provinha Brasil, avaliação nacional que avalia o nível de alfabetização das crianças matriculadas nas escolas públicas. E no que se diz respeito às habilidades de leitura e matemática, a turma alcançou o nível 3.

5. Considerações finais

Através do presente estudo, fora possível chegar-se a algumas conclusões importantes. Desse modo, é possível afirmar que o período de dois anos foi suficiente para que a maioria das crianças fossem alfabetizadas, mas não a totalidade delas; que as condições sócio-econômicas influenciam no processo de leitura e escrita, pois, os alunos que tiveram maior participação dos pais, na vida escolar, tenderam a alcançar de modo mais rápido as bases alfabéticas do sistema de escrita, que a compreensão da função social e comunicativa da língua escrita pela criança pode auxiliá-la na apreensão do sistema alfabético de escrita e que os alunos do 1º ano, tiveram um avanço maior e mais significativo rumo à escrita em relação ao 2º ano.

Ao concluir, é preciso ressaltar que não foi objetivo deste estudo dar respostas definitivas às questões levantadas na problematização do mesmo, pois isso não seria possível com base apenas nessa análise sumária de ideias e, nesse pequeno *corpus* de dados, considerando a dimensão e a complexidade do tema abordado. E ainda, as respostas nem foram definitivas e já surgiu outra que é “Por que no primeiro ano do ciclo, os alunos obtiveram um avanço maior em relação ao processo de alfabetização que no 2º ano?” Então, essa é uma pergunta que merece um futuro estudo.

Assim, o objetivo do presente estudo fora apenas contribuir em analisar em como a criança constrói o sistema alfabético de escrita e se é possível estimar um período de tempo necessário para que o alfabetizando se aproprie desse complexo sistema.

6. Referências bibliográficas

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & linguística*. São Paulo: Scipione, 2001.

FERREIRO, Emília. *Com todas letras*. 2º ed. São Paulo: Cortez, 1993.

_____, Emília; TEBEROSKY, Ana. *A psicogêneses da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SILVA, Ademar. *Alfabetização: a escrita espontânea*. 2º ed. São Paulo: Contexto, 1994.

SOLÈ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6º ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.